

## **A REPRESENTAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA AFRO E FEMININA NA LITERATURA BAIANA**

Juscineide de Jesus Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo discute sobre as práticas de representações culturais e identitárias presentes na literatura de Escritoras Baianas, ressaltando a condição feminina como fator relevante na produção de tais escritos, além de analisar trechos do discurso poético produzidos por essas mulheres negras da Região. Na literatura tida como convencional o negro poucas vezes esteve em situação de destaque. Sempre fora representado como coadjuvante ou pertencente a uma subclasse. Desse modo, as condições sociais, os hábitos, as crenças, os estereótipos e os preconceitos compartilhados por um determinado grupo em uma determinada época são elementos formadores da visão de mundo e fatalmente estarão presentes na criação artística. Nessa perspectiva, o discurso literário assume um lugar de apropriação de uma identidade até então distorcida pela sociedade. Daí a necessidade de o negro definir a sua própria identidade e construir uma consciência do que é ser negro. Para tanto, busca-se realizar este estudo a partir da literatura das escritoras baianas Mel Adúm e Aline dos Santos França, as quais abordam questões da memória cultural, da identidade e autoria, ao tecerem versos e narrativas com marcas discursivas, em que traços étnicos e de gênero são evidenciados. Ou seja, através destas, objetiva-se entender marcas identitárias que advêm de culturas africanas ressignificadas no Brasil e inscritas em suas obras literárias. Tal abordagem foca-se, fundamentalmente, na possibilidade de refletir sobre a maneira como as literaturas que abraçam a cultura africana permeiam o universo literário da Bahia.

**Palavras-chave:** Identidade Cultural, Literatura Baiana, Escritoras Negras.

As identidades são características fundamentais da experiência humana, pois possibilita aos seres humanos a sua constituição como sujeitos no mundo social. O gênero refere-se à identidade com a qual uma pessoa se identifica ou se autodetermina; independe do sexo e está mais relacionado ao papel que o indivíduo tem na sociedade e como ele se reconhece. Assim, essa identidade seria um fenômeno social, e não biológico.

De acordo com Louro (1998), as questões sobre gênero ganham espaço a partir das discussões e manifestações do movimento feminista que concebe o conceito de gênero como parte da formação da identidade do sujeito. É considerado, portanto, que

---

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos de Linguagens, linha de pesquisa: Leituras, Literaturas e Identidades (PPGEL-UNEB). neidenascimento\_02@hotmail.com.

não são somente as características biológicas que determinam a construção da identidade, mas as representações que se construíram pela sociedade ao longo da história acerca dessas características.

Na segunda metade do século XX, o termo gênero começou a ser utilizado para designar o processo de construção do feminino e do masculino, na órbita da sociedade e da cultura. Desde então, esse termo tem sido usado para teorizar a questão da diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens, tanto na sociedade em geral, quanto no circuito literário.

Ao pensar nesse circuito de produção literária, logo surge a necessidade de primeiro compreender o que seria, de fato, essa literatura. A partir de algumas conceituações teóricas, entendemos a literatura, em seus diversos aspectos: estético, cultural, histórico, ideológico e político; Esta pode ser entendida como “a arte trabalhada pela ficção, mas significada, muitas vezes de contextos reais e de condições de existência”.

A literatura, denominada menor, é concebida, pelos autores, como uma “máquina política”, de cunho social, cultural e de expressão coletiva. O que leva a observarmos que tais características aplicam-se, em muitos pontos, à literatura negra.

A partir da década de 70, os negros começaram a reivindicar um lugar na literatura nacional, passaram a ser chamados de “escritores afro-brasileiros” e, desta forma, a literatura nacional passaria a ter mais um título: a literatura nacional afro-brasileira. Por ainda ser algo “relativamente novo”, esses escritores ainda enfrentam algumas dificuldades em termos de classificação e conceituação desse segmento literário, principalmente quando quem assume o papel da criação é uma mulher.

Silviano Santiago (2004), ao fazer alusões aos desafios nos âmbitos da cultura e da literatura no período de redemocratização do Brasil, entre 1979 e 1981, afirma que, nesses anos, a Sociologia cedeu espaço à Antropologia em esferas artístico-culturais, por isso o cotidiano, a cultura popular, a multiculturalidade, a diversidade, dentre outros temas, ganharam ecos em eventos culturais e literários e agenciaram instâncias de afirmação de identidades e não mais de uma identidade nacional. Para este autor,

[...] o debate amplo e aberto não apareceria nos relatos de vida dos ex-combatentes, não se daria pela linguagem conceptual da história e da sociologia, não seria obra de políticos bem ou mal-intencionados. Esse debate amplo e

aberto se passaria no campo da arte, considerando-se esta não mais como manifestação exclusiva das belles lettres,, mas como fenômeno multicultural que estava servindo para criar novas e plurais identidades sociais. Caíam por terra tanto a imagem falsa de um Brasil-nação integrado, imposta pelos militares através do controle da mídia eletrônica, quanto à coesão fraterna das esquerdas, conquistada nas trincheiras. (SANTIAGO, 2004, p. 137)

Dessa forma, ao pensar na proposta apresentada para este artigo, a fim de discutir sobre a composição identitária afro e feminina e as práticas de representação cultural presentes na literatura de escritoras da Bahia, ressalta-se a condição da mulher como fator relevante na produção de tais escritos. É importante destacar que as mulheres em geral, destinadas a serem consumidoras de literatura, passam também a produzi-la, mas o acesso a condição de produtoras textuais não lhes foi facilitado. Por certo, além de haver a predominância da escrita masculina, os vários textos que faziam referências às mulheres também eram escritos por homens.

Considera-se então, que a literatura como arte, reflete as representações da cultura de um povo e a linguagem, obviamente, é uma das formas de manifestar a cultura. Nessa perspectiva, este artigo abordará o estudo das relações culturais na literatura negra e feminina de escritoras da Bahia, levando em conta uma discussão sobre representação e identidade cultural. Desse modo, o texto como forma de permanência cultural pode ser visto, ao mesmo tempo, como produtor e produto da cultura.

### **A identidade cultural afro e feminina na literatura**

Dentre os diversos grupos étnicos, que possuem características identitárias marcantes e que sofrem muita discriminação na sociedade brasileira, estão os negros, descendentes dos africanos trazidos ao país como escravos. Segundo Sousa (1983, p. 19) "a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com os brancos, e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior."

Um dos principais autores a discutir o conceito de identidade dentro dos estudos culturais foi Stuart Hall, que, a partir da reflexão de sua própria experiência como migrante, iniciou a reflexão em torno da raça, a partir do final dos anos 1970. Ao tratar

sobre identidade é preciso considerar que apesar dessa temática estar sendo abordada frequentemente na atualidade, trata-se de um conceito "demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido" (HALL, 2003, p.8).

Segundo Stuart Hall, discutir a questão da identidade exige a retomada de alguns conceitos, que permitem que esta, seja vista como uma construção discursiva pela qual os indivíduos se localizam individual e socialmente (Hall, 1999). De forma mais explícita, na sua formulação, Hall sugere que tomemos identidade cultural como uma "produção" que se constitui sempre dentro e não fora de um sistema de representações.

É de conhecimento geral que as relações entre o Brasil e o continente africano foram marcadas pelo lamentável contexto da escravidão no novo mundo, e apesar da notável contribuição do povo africano para nossa formação cultural, estes ao longo de sua trajetória nas terras brasileiras, mesmo após a abolição da escravidão tem sofrido estigmas de racismo e inferioridade. Assim, nos sugere a pensar à resistência pela afirmação da identidade cultural, a qual está intrinsecamente relacionada com a luta pela igualdade social, já que uma não pode ser resolvida sem que se resolva a outra (CANCLINI, 1994).

Toda essa ampla temática encontra abrigo na literatura, singular forma de manifestação artística que por meio de palavras repletas de sentidos e significações, de atos de fala, recriam, com recursos ficcionais, a realidade social. Na chamada Literatura Negra, seja em prosa ou verso, vivenciamos a memória de mulheres e homens em contextos históricos específicos, suas relações e trajetórias, bem como os percursos na luta contra a violência de gênero que impacta sobretudo, o feminino; elas, a partir de diversificadas formas de enfrentamento, resistência e empoderamento, lutam por seu lugar na sociedade, tendo como elemento de disseminação o uso da linguagem.

Tendo em vista o cunho engajado próprio desta vertente literária, Ana Rita Santiago sinaliza, inclusive, que os termos Literatura Negra e Literatura Afro-Brasileira são empregados como sinônimos, embora exista correntes contrárias a esse pensamento.

"Por meio dessa literatura, na qual se compreendem identidades e culturas negras como elaborações humanas, instituídas de valores, crenças, histórias, experiências, indagações, dentre outros, acredita-se que se constroem oportunidades de expressão de si, da negritude, de referências de africanidades, de vivências, bem como de concepções de mundo. A escrita literária negra torna-se uma textualidade de

formação e de fortalecimento de identidades negras...”  
(SANTIAGO, 2012)

As problemáticas vivenciadas por estas autoras, por serem mulheres e negras, refletem diretamente na perspectiva de sua abordagem e nas representações de feminino que postulam em suas obras. Conforme pontua Santiago:

“A literatura feminina se destaca pelas enunciantoras: são sujeitos que vivem situações das mais adversas por serem mulheres e vislumbram outros mundos, outras vidas e outros homens e mulheres através da escrita literária. Elas ousam escrever de si e de nós como sujeitos que enunciam dizeres e contradizeres.” (SANTIAGO, 2012)

Nesse sentido, a produção de mulheres negras, no campo da literatura, assume além de tudo, significados políticos. Entretanto, tais escritos ainda sofrem com a falta de reconhecimento da crítica e, como consequência disso, não são amplamente conhecidos entre os leitores, encontram dificuldades no mercado editorial e aparecem, raramente, no contexto da educação formal.

### **A linguagem poética e a (re)escrita de si**

Ao considerar que a linguagem está presente, de maneira geral, em toda nossa vida, isto é, que nos constituímos como sujeitos na e pela linguagem, leva-nos a refletir sobre a existência da linguagem, enquanto atividade e processo de interação dos sujeitos sócio, histórico e ideologicamente constituídos; pressupondo, então, compreender que ao utilizá-la estamos expressando algo sobre o mundo ou representando-o a outras pessoas.

Assim, tendo como base os posicionamentos de Stuart Hall no livro “Cultura e Representação”, ele qualifica a representação como cultural, e afirma que está se referindo a uma prática, um tipo de ‘trabalho’ que lança mão de objetos materiais e produz efeitos sobre os sujeitos. Sujeitos estes que são sempre capazes de estabelecer negociações com as representações culturais e os discursos que o interpelam, a partir das quais constrói suas identidades.

Para Foucault, a colocação do sujeito como ponto central no manuseio e funcionamento da linguagem, bem como a consideração da influência do poder sobre o discurso, revela a consequente formação de conhecimento e da identidade do sujeito.

Dessa forma, podemos falar da constituição identitária como um processo que se dá mediado pelas relações com as pessoas, os valores, os sentidos, os símbolos e a cultura; sendo que o sujeito vai se constituindo a medida que internaliza valores e significados que permeiam o social.

Relacionando tais questões com o tema de gênero, identidade e representação cultural, observamos que, muitas das imagens representadas da mulher negra na literatura nacional eram, em sua maioria, fundadas nas ideologias racistas e sexistas e, principalmente, com base em seu passado sofrido. Contudo, essas escritoras buscam, principalmente, sua autorrepresentação, a desvinculação com discursos hegemônicos e a instauração de uma nova escrita e identidade de si mesmas, agora por suas próprias mãos.

Elas retratam em seus escritos a busca e afirmação dessa identidade feminina, por meio da linguagem de escrita literária. Lembramos então do que disse Foucault, ao retratar que o ato de escrever é também o ato de mostrar-se ao outro; ao escrever sobre si mesmo a escrita desempenha um papel de companheira. Uma escrita que possui como material os pensamentos, as ações diárias, seus desejos escondidos.

Ao escrever todos os pensamentos e ações, estes passam a ser conhecidos. Esses escritos reelaboram as representações de mulher, pautadas somente em aspectos negativos e apontam para a possibilidade de uma afirmação identitária de mulheres negras valorizando os corpos, a cultura, a história, a resistência e a memória.

“Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvincilo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas.”(EVARISTO, 2009)

Ou seja, a partir do processo de reconhecimento do outro em sua alteridade, com suas histórias, cultura e mundos concretos, pode-se deixar que ele venha até nós. As

memórias apresentadas por meio da escrita literária podem tornar possível a leitura do outro, pois depoimentos individuais de vivências e experiências trazem a cultura e a tradição de um povo, assim como os sentimentos e anseios.

No texto *A escrita de si*, Michel Foucault (2004) ressalta que a escrita nem sempre teve a função de representar ou de corresponder em livros ou manuais a visão que se tinha das coisas e do mundo de uma forma epistolar. Mas, que fazia coincidir o olhar ou a forma de perceber as coisas com aquele que se lançava sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras ou formas de compreensão da vida.

A escrita, nesse sentido, teria uma importante função de transformação da verdade em êthos, o que significa que, operava como prática processadora daquilo já dito, lido ou praticado, de modo a afirmar, reinscrever ou criar novos elementos de constituição de si.

### **Literatura baiana: voz negra e feminina- “agora falamos nós”**

A divulgação da Poesia Negra no Brasil só passou a ser realizada em meados da década de 70, adquirindo assim, no campo da literatura, mais um espaço para assumir sua identidade cultural, escrever sua história e lutar por direitos negados. Os estudos acerca da poesia de autoria negra e feminina ainda não são suficientes, existe a dificuldade de levar essa discussão para o meio acadêmico, o qual ainda é tido como tradicional e prefere trabalhar a poesia de autores brancos e homens.

Se for questionado o que falta para a poesia negra em nosso país, logo será respondido, que falta visibilidade. A representação cultural desse povo através de suas vozes, reafirmando assim, os traços marcantes de sua cultura, sua etnia e questões sobre as quais se luta diariamente.

Nomes de escritoras negras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, que entre os séculos XVII e XX conseguiram relevantes rompimentos no cenário literário de nosso país, ao escrever e publicar sobre essa temática, deu oportunidade para que nomes como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Alzira Rufino, Esmeralda Ribeiro, Geni Mariano Guimarães, Sônia Fátima Conceição, Cristiane Sobral, escritoras negras na contemporaneidade, consigam seguir esse percurso literário.

Na Bahia, a literatura, dentre outras, de Aline França, Fátima Trinchão, Wanda Machado, Rita Santana, Daianna Quelli, Jaquinha Nogueira, Érica Azevedo, Mel Adún,



Jocélia Fonseca, Elque Santos, dentre outras, ressignifica as africanidades, histórias e vivências, bem como tecem afirmativamente uma escrita de si e uma auto-representação.

A análise de obras de Mulheres Negras Baianas, sugere a proposição, por parte das autoras, de uma outra forma de representar-se. Os escritos levam em consideração a localização social e histórica dessas mulheres e sinalizam uma autoconsciência e uma necessidade de reelaboração das identidades femininas por meio da escrita.

Tais escritos intimistas não eram considerados, mas hoje podemos observar que há uma crescente multiplicação da escrita de si e que não a encontramos apenas no cenário literário, mas também em outros domínios das artes. Vozes que empodera o “eu” sujeito, que agora pode escrever as suas experiências. Contudo, para que o discurso dominante não se reinscreva ou continue se reinscrevendo nesses textos, torna-se imprescindível questionar tais escritos, analisá-los para além das diferenças de gênero.

Quando se fala sobre a representação cultural e identitária através da literatura, o foco costuma sempre ser “o outro”, e a partir disso, discutir a construção de esteriótipos, e o reforço dos preconceitos. No entanto, ao estudar a representação do “eu” por meios dos escritos literários, traz consigo uma relevante contribuição para a questão, na medida em que se considera que, falar de si mesmo é algo muito complexo, imaginem realizar uma escrita em que também se consegue representar o outro?

Elas apresentam em suas produções marcas autobiográficas, ao mesmo tempo em que, também, escrevem sobre o outro ao “atravessarem uma fronteira cultural”; O estudo da representação do eu e do outro a partir desses escritos que dão vozes a essas mulheres, vem acrescentar sua contribuição ainda, no que diz respeito ao seu lugar de fala.

O sujeito que escreve e se descreve a partir da linguagem, da sua voz enunciativa, são mulheres negras e, sendo assim, apresentam as marcas da particularidade feminina na constituição deste sujeito, no seu modo de se expressar e de viver. Dessa forma, como a escrita íntima se modificou com o passar do tempo, o sujeito que a produz também alterou a sua conduta em relação a essa atividade.

A literatura de autoria feminina suscita um novo olhar sobre a produção literária produzida desde meados do século passado até os dias de hoje. O cânone literário ocidental, historicamente representado por homens, brancos e da elite social, possuidor



de um caráter impregnado por ideologias, excluía qualquer tipo de produção literária que não correspondesse aos modelos propostos pela hegemonia masculina.

A escrita feminina foi por muito tempo sufocada, e quando conseguiu reagir trouxe consigo muitas novidades, aspectos que não se aplicavam ao espaço autobiográfico masculino. Era notável o desprestígio da escrita de mulheres no espaço de domínio masculino. Neste sentido, não podemos deixar de falar acerca do lugar do sujeito feminino, do seu modo de dizer posicionado que, nem sempre, é expresso pelo outro, e que traz as marcas construídas, sentidas, ressignificadas do corpo feminino.

Apesar de suas obras não estarem em destaques nos circuitos editoriais ou serem respaldadas pela crítica, elas inventam outra representação de si e de suas histórias. Nesse viés, as representações são constituídas nesse embate entre o um e o outro, pois se fundamentam pelo olhar e nas representações do dizer do outro, transformando-se e possibilitam repensar as imagens inscritas do outro na constituição da identidade.

Desse modo, a marginalização, repressão e exclusão a determinados grupos sociais, étnicos e sexuais era responsável por suprimir automaticamente certas obras do cenário da literatura, excluindo, assim, segmentos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos, como mulheres, “não brancos” e “membros de segmentos menos favorecidos da pirâmide social” (REIS, 1992, p.73).

Ao escreverem sobre suas lembranças, seu cotidiano, trazem os rastros das desigualdades sociais, das marcas de violências nos corpos, dos discursos sobre a sexualidade, dentre outros. Assim, analisar os discursos que perpassam nos textos das escritoras, nos permite não só visualizar as trajetórias pessoais, mas “o outro” que se expressa nesses escritos.

Partindo do pressuposto imaginário e desconstrutor de marcas identitárias amparadas em representações que inferiorizam universos e repertórios culturais negros e de gênero, poetisas baianas utilizam a estética feminina interagindo com a textualidade para expor seus desejos, memórias e características de raça e gênero. Como observa-se no trecho a seguir, do Poema Paradoxo, de autoria da poetisa baiana Mél adúm, ela que escreve textos dos mais variados gêneros para diversas idades, sempre retratando a presença do lugar feminino na sociedade brasileira, em especial do feminino negro:

”Não vou mais lavar os pratos, agradeço a Sobral.  
Vou ser agora meu bem, viu, meu mal?  
Cansei de ser você: de sonhar seus chatos sonhos

Cansei de me emperiquitar  
Pra encontros enfadonhos.  
Agora serei meu bem,  
Vou reaprender a deitar  
E a sonhar sonhos meus  
Com minhas cores prediletas[...]"

( Poema Paradoxo/ADÚN, 2008, p. 40)

Nestes versos, percebe-se que a voz poética feminina resolve deixar de lado algumas atribuições até então, dadas a ela na sociedade. A autora toma como elemento propulsor de sua criação o verso do poema “Não vou mais lavar os pratos”, de autoria de Cristiane Sobral, que aciona outro tema recorrente: a emancipação da mulher não pelo trabalho, uma vez que este já fazia parte do cotidiano da mulher negra no Brasil desde a escravização, mas pelo acesso ao estudo.

Ao mencionar o sobrenome desta, a voz narrativa assume uma postura crítica e resolve também, se rebelar contra a situação que vivencia. Tais responsabilidades significam nesse contexto a anulação de desejos e vontades, obrigando-a a anular-se para viver em função do outro. Para tanto, o eu-poético prefere assumir os rumos de sua própria existência, o que seria então, a garantia de protagonizar a sua própria história, ela, agora quer cuidar de si própria, quer ter vida sem submissões, mas não a vida imposta pelo outro.

Se se pensa nessa representação a partir de um olhar fora da problemática, ou seja, figurações a partir de um discurso patriarcal, tradicional, encontram-se muitas mulheres estereotipadas, excessivamente sexualizadas, com matizes carregadas de perversão, como a Rita Baiana de O cortiço de Aloísio de Azevedo, por exemplo. No entanto, ao se deslocar a ótica de fora para dentro da questão, isto é, representações que partem de uma autoria negra feminina que expõe de modo mais direto ou não, sua escrivência - (...) – ressignificada sob a pena literária, o eu lírico, na poesia, e as personagens, na prosa, seguramente serão bem diversos daqueles calcados numa visão essencialista, na doxa vigente.” (PEREIRA, 2011)

Nascida em 1948 na Bahia, Aline dos Santos França, mais uma escritora negra e baiana, começou a escrever ainda criança, enquanto acompanhava os pais no trabalho com a agricultura. Aline foi funcionária da Universidade Federal da Bahia ainda na década de 70 e na década de 80 participou de comissões julgadoras de concursos (Miss Bahia), produziu espetáculos populares e de debates sobre o papel da mulher e do negro na literatura afro-brasileira.

Com "A Mulher de Aleduma", uma leitura poética do mundo mítico e uma reflexão pessoal sobre o significado dos símbolos dominantes, Aline França, apresenta os traços culturais de populações negras. Para tanto, a autora realiza leituras poéticas e ficcionais do universo africano-brasileiro, além de agregar simbologias europeias presentes em culturas brasileiras e do legado africano que transitam pelas culturas negras em nosso país; características que chamam à atenção para o caráter multifacetado das experiências culturais brasileiras:

“Biabiana e Eleonora andavam pela praia a procura de chapéus de palha, Bernardo se encontrava sentado num veleiro, Eleonora foi apresentada, e recusou a apertar a mão de Bernardo, deixando Bibiana decepcionada, Bernardo se afastou, mas antes informou que dona Catilê confeccionava chapéus lindíssimos. Bibiana falava com Eleonora: - Não devia ter feito isso, ele é inteligente, sensível, seu gesto foi muito desagradável. Eleonora respondeu: - Sou uma mulher de fino trato, não iria apertar a mão desse negro que só tem água salgada na cabeça, tenho nojo dos negros. Uma bofetada forte fez Eleonora soltar um grito de dor. Bibiana lhe falava em voz alta: – Respeite essa raça, eles vão achar a solução para salvar o mundo. – Esse gesto é por amor a raça negra, ou é apenas histerismo? – Perguntou Eleonora zombateiramente. – Entenda como quiser, queria ter por um dia a força da mente desse povo que você tanto desvaloriza. Respondeu Bibiana sem demonstrar o sorriso que sempre tinha nos lábios. – Por que ficou tão ofendida? Por acaso é protetora dessa gente? – Seria muita sorte ter o poder de proteger esse povo, gostaria de ser filha do primeiro casal de IGNUM: - Disse Bibiana olhando para “A Filha Doce”. – Que diabos é IGNUM? – Perguntou Eleonora sorrindo. – É melhor nada responder, seu materialismo me impede[...]

“(A mulher de Aleduma, 1981, 2 ed., 1985, p.56).

O romance da autora baiana narra a história de uma ilha desconhecida onde vivem os negros descendentes do velho Aleduma<sup>2</sup>, vindo do planeta IGNUM, que é governado pela deusa Salópia. Lá, os negros viviam em perfeita harmonia em simplicidade até que ambiciosos brancos tentam transformar o lugar em um paraíso turístico.

Na ilha de Aleduma, reinava a harmonia, até a chegada do homem branco, que, no livro, é representado por Hermano, ambicioso empresário que almeja explorar a ilha. Aliás, a ambição é uma marca do branco nesta obra. Com exceção da personagem

---

<sup>2</sup> O nome da ilha, provavelmente, vem da junção das iniciais do nome do escritor Alexandre Dumas, que a autora dizia guardar na memória devido às histórias dele contadas pela mãe na sua infância.

Bibiana, sobrinha de Hermano, todos são cruéis e sem caráter. Essa personagem é porta-voz de denúncias contra o racismo.

Salópia, a deusa que governa IGNUM, o planeta onde a raça negra se originou no romance, representa a superioridade feminina que se confirmará ao longo da obra com outras personagens: Maria Vitória e Irsan, as quais são representadas como sendo as mulheres escolhidas para serem intercessoras entre IGNUM e a ilha de Aleduma. A elas, os habitantes deviam respeito e obediência.

Ao final da narrativa, Aleduma é invadida pelos turistas e transformada em ilha de nudismo. O velho Aleduma destrói a ilha e salva os habitantes. Nesse momento, a narrativa se transfere para os dias atuais e a deusa Salópia vem à Terra convidar pessoas para um congresso em IGNUM. Neste momento da narrativa, outra referência à cultura afro-brasileira: numa quadra de afoxé, os participantes de um ensaio, cantam a Oxum e Ijexá, Xangô também é mencionado.

O último parágrafo do romance, em letras maiúsculas, diz: “A ILHA DE ALEDUMA SE FOI, MAS A RAÇA NEGRA ESTÁ REPRESENTADA...” (1985, p. 95). Nota-se ainda nesta obra, a resignação do negro brasileiro diante da selvagem escravização a que foi submetido; a sua esperança na redenção decorrente de sua disposição de luta, que até hoje empreende, para reverter essa situação altamente adversa. Tudo, porém, caldeado pelo maior desses valores, a força de sua personalidade; A escravidão, a mistura de práticas religiosas através dos orixás para fazerem sobreviver a sua fé, diante da dominadora força do colonizador empregada contra a liberdade de pensamento.

A literatura feita por uma mulher negra, que se coloca como sujeito do discurso, nos mostra como a apropriação do texto literário tem contribuído para desestabilizar, deslocar representações, normatizações e formas naturalizadas de ser, estar e fazer. “Nesse jogo, de (re) constituição de si, a linguagem figura como potência de asfixiar, bem como de oxigenar, de válvula de escape para outra vida” (MOREIRA, 2012, p. 10)

Nesses textos, as vozes poéticas ou narrativas podem assumir diferentes tons e as transmutações próprias ao acolhimento que a escrita dá à palavra falada, aos ritmos do corpo e aos pequenos gestos que configuram o dia-a-dia da gente simples. Essa vertente também assume as tradições herdadas dos escravos e as traz para os textos procurando não apagar as pulsações características do universo em que continuam cultivadas ainda que alteradas pelo diálogo constante que realizam com outras expressões culturais; mais

que denunciar a discriminação e as agruras vividas pelos afro-descendentes, intenta-se que as vozes silenciadas e as expressões culturais do povo.

### **Considerações Finais**

Entende-se, portanto, que essa escrita íntima, feminina pode ser considerada uma fonte que possibilita o a compreensão do “ser mulher” para essas escritoras e do lugar que assumem na sociedade. O que torna-se imprescindível evidenciar esses caminhos significativos e inovadores que as mulheres negras têm percorrido através do uso da linguagem, para banir práticas de apagamento de sua escritura, bem como promover representações e discursos literários.

Em meio às muitas expressões artístico-culturais que refletem de forma nítida o resultado do multiculturalismo característico da identidade cultural brasileira, essa literatura mostra através da história a sua dinâmica para se firmar enquanto tal e se afirmar como parte dessa identidade.

Dessa forma, a escrita pode ser considerada um instrumento que dá acesso direto ao mundo das memórias, permitindo organizar e expor acontecimentos, conhecimentos e pensamentos, destinados a outras pessoas ou a si mesmo. Vários desses escritos ficam muitas vezes engavetados, guardados e até mesmo esquecidos; pois são considerados espaços de realização de uma escrita privada, marginal, fragmentada.

Os textos das escritoras estudadas se constituem, então, como uma ferramenta crítica, política, sendo o lócus onde se constroem novos sentidos, novos discursos sobre mulheres (negras), tecendo, assim, relações de poder, desmontando estereótipos, construindo novos modos de ver e reconhecer a mulher negra e suas relações com o mundo.

Infere-se, portanto, que a escrita dessas mulheres pode ser vista como frutos de suas experiências, suas vivências e suas memórias. Suas obras e textos literários ao reinventar outras escritas de si, ora pautadas em sonhos de emancipação, de liberdade e de autonomia, em outras se contrapõem, a discursos e representações já estabelecidos sobre elas e suas histórias e culturas.

**REFERÊNCIAS**

ADÚN, Mel. **Paradoxo**. Vou-me embora para Oshogbo. In: ADÚN, Guellwaar; RATTTS, Alex. (Orgs.) *Ogum's Toques Negros: Coletânea poética*. Salvador: Ed. Ogum's Toques Negros, 2014, p. 154.

BRITO, Edvaldo. **“Uma ode aos valores culturais da raça negra”**. Acesso em: 18 Maio de 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. *Dicionário de escritores baianos*. Salvador: Governo do Estado / Secretaria de Cultura e Turismo, 2006. p.145.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Lisboa: Almedina, 2003.

FRANÇA, Aline. **A mulher de Aleduma**. Salvador: Ianama, 1985. Ilustrações de Douglaz Ge.

GARCÇA CANCLINI, NÈstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. **Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas**. In: *Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura*. Disponível em: [http://textos\\_completos\\_IVSENALIC/TEXTTO\\_IV\\_SENALIC\\_195.pdf](http://textos_completos_IVSENALIC/TEXTTO_IV_SENALIC_195.pdf) Acesso em 15 de Maio. de 2017.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves Pereira. **Gênero e etnicidade na literatura de autoria feminina**. III Colóquio/ I Encontro Nacional Mulheres em Letras, 05/2001. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br>. Acesso em: 27 de Maio de 2017.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas, BA. UFRB, 2012.